

Pap The library as a place for initial training of the PIBID's scholarship students

A Biblioteca como espaço de formação inicial dos bolsistas do PIBID

Flomar Ambrosina Oliveira Chagas

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Goiás, Câmpus Jataí. Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática

Jataí, Brasil

flomarchagas@gmail.com

Abstract — It is intended, through this qualitative research approach, performed in eight state schools in Goiás, in the period 2012-2013, to answer these research questions: Do the scholarship students from the Pibid/2011 project use the library as a teaching strategy, the libraries as a the school partner? In the subprojects submitted, are libraries viewed as teaching strategies? Are there works of the scholarship students presented at regional, state and national meetings that address the theme of the library? What has been the role of the library professional training in relation to the training of the pibidianos trainers? The main objective was to verify if the library is a significant space in the pibidianos training from the Federal Institute of Goiás/IFG/2011. The results show that the situation of libraries continues as three decades ago. It remains the lack of a set of indicators as adequate physical space and small acquisitions what is incompatible with the number of students. When people develop activity in the library, they are not qualified nor prepared for such a function. Anyway, it is apart from functioning as a place of learning. It can be said that space does not deserve to be called a school library, making it difficult to use it as a teaching strategy.

Keywords - *traditional library; initial training; Pibid; teaching strategy.*

Resumo — Pretende-se, por meio desta pesquisa de abordagem qualitativa, realizada em oito escolas estaduais de Goiás, no período 2012 a 2013, responder às questões de pesquisa: os bolsistas do projeto Pibid/2011 usaram a biblioteca como estratégia de ensino as bibliotecas das escolas parceiras? Nos subprojetos apresentados, constam as bibliotecas, como estratégias de ensino? Há trabalhos de bolsistas apresentados em encontros regionais, estaduais e nacionais que abordam a temática da biblioteca? Qual tem sido o papel dos profissionais da biblioteca na formação dos/as formadores/as pibidianos/as? O objetivo principal foi verificar se a biblioteca é um espaço significativo na formação dos/as pibidianos/as do Instituto Federal de Goiás/IFG/2011. O resultado a que se chegou é que a situação das bibliotecas continua como há três décadas. Permanece a falta de um conjunto de indicadores relativos como espaço físico adequado, pequeno acervo incompatível com o número de alunos, as pessoas quando desenvolvem atividade na biblioteca, não são qualificadas e nem preparadas para tal

função. Enfim, distante de funcionar como local de aprendizagem. Pode-se dizer que o espaço não merece ser chamado de biblioteca escolar, dificultando usá-la como estratégia de ensino.

Palavras Chave - *biblioteca tradicional; formação inicial; Pibid; estratégia de ensino.*

I. INTRODUÇÃO

A biblioteca possui uma longa e complexa história que vai desde as tablitas de argilas aos tabletes eletrônicos e é pouco conhecida pela maioria das pessoas. Quanta mudança passou o seu acervo, a forma de atendimento até a biblioteca contemporânea. Antes de Gutenberg - a argila, o papiro, o pergaminho. Depois - o computador, o disco ótico, as redes eletrônicas afetaram o modo de ser da biblioteca ao longo do tempo, permitindo dinamizar e disseminar a informação.

O panorama social, cultural e tecnológico trouxe um redimensionamento do tempo e do espaço, a maneira de se informar, de se relacionar, de ser e de estar no mundo se transformou. Dessa forma, com a internet, a biblioteca ganhou outra dimensão, além do espaço físico, agora, o ciberespaço.

Vários autores têm discutido a biblioteca do futuro nas universidades, quando o usuário conecta com bibliotecas e bases de dados remotos por meio de catálogo on-line ou de rede de computadores chamadas Biblioteca Eletrônica, Biblioteca Digital ou Biblioteca Virtual [1] [2] [3]. E as bibliotecas escolares, vivem a mesma realidade?

O objetivo desta pesquisa buscou verificar se a biblioteca foi um espaço significativo na formação dos bolsistas pibidianos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), instituição de ensino situada na região Centro-Oeste do Brasil. Assim vale questionar: os bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) utilizaram a biblioteca como estratégia de ensino aos (às) alunos (as) das escolas parceiras? Nos subprojetos pibidianos, constaram as bibliotecas, como estratégias de ensino? Houve trabalhos de bolsistas apresentados em encontros regionais, estaduais e nacionais que

abordaram a temática da biblioteca? Qual foi o papel dos profissionais da biblioteca na formação dos/as bolsistas pibidianos/as, futuros/as formadores/as no período de 2012 a 2013? De que forma a biblioteca escolar, como ambiente de produção do conhecimento convive e interage dentro da escola?

A. Biblioteca - temática inexplorada, espaço indefinido

Livros e bibliotecas, no Brasil, nos séculos XVI e XVII, ainda permaneciam raros. Os livros em circulação eram essencialmente de cunho religioso, constituindo-se em fonte de conhecimento e de acesso ao sagrado e encontrando-se, prioritariamente, nas bibliotecas das grandes ordens religiosas, cujos maiores acervos bibliográficos tinham por objetivo atender à rotina das atividades dos colégios Jesuítas. No fim do século XVI, os livros estavam nos conventos jesuítos, franciscanos, carmelitas e beneditinos. Os primeiros jesuítas tinham em Salvador uma biblioteca instalada no seu colégio. Fora do âmbito religioso, só se vai conhecer instrução e possuir livros a partir da segunda metade do século XVI.

No entanto, apesar de ser um instrumento potencialmente revolucionário, as bibliotecas particulares da Colônia eram, em ampla medida, mal utilizadas. Em virtude de elas serem entendidas como objetos de status e de poder, sendo acompanhadas, com relativa frequência, de outros materiais então passíveis de ostentação como louças, jóias e pratarias. E os Colégios da Companhia de Jesus, que detinham o monopólio sobre a educação, abriram as portas das primeiras bibliotecas brasileiras. Essas bibliotecas tinham como objetivo principal formar aqueles que continuariam divulgando a fé, criar uma sociedade em que prevalecessem a unidade religiosa e as normas sociais europeias, sem dizer das conquistas e da evangelização. As bibliotecas serviam de suporte às atividades docentes e catequéticas.

Assim, até os primeiros anos do século XIX, livros e bibliotecas públicas eram praticamente inexistentes. Porém, esse panorama paulatinamente começa a se modificar devido à influência causada pela chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, pela fundação de uma imprensa local e pela criação e abertura, ao público, da Biblioteca Imperial, pois antes da chegada da Família Real, simplesmente era proibido imprimir ou publicar materiais escritos.

A temática da biblioteca escolar se faz ausente na literatura educacional brasileira, constitui-se como denúncia o desprezo a que se encontra submetida tanto no que diz respeito às políticas, ao social, ao pedagógico e ao científico. Daí, a relevância desta pesquisa.

Na década de 1980, a biblioteca foi um tema de investigação praticamente inexplorado. Comprovado pela análise da literatura, pela ausência de projetos de pesquisa e pela inexistência de discussão do tema nos eventos acadêmicos, como pôde ser visto em levantamento realizado nos principais periódicos como Educação & Sociedade, Caderno de Pesquisa, Ande, Cadernos Cedes.

Pelos catálogos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) ficou constatado que, no

período de 1983 a 1989, das 1.595 monografias publicadas, apenas três trataram da biblioteca escolar. Pode-se afirmar que a biblioteca escolar é um objeto desprezado pela Educação. As bibliotecas escolares tradicionais conviveram e ainda convivem com diversos problemas, principalmente de infraestrutura e de pessoal. Quando existem nas escolas espaços denominados bibliotecas, estes não passam de verdadeiros depósitos de livros, de objetos de natureza variada, por estarem danificados, por terem perdido sua utilidade [4].

Há descompromisso para com a biblioteca: “a biblioteca é um problema da escola, do município, do Estado, é um problema de civilização e continua a ser uma coisa desconhecida para a maioria das pessoas, há uma distonia, uma falta de entendimento entre o cidadão e a biblioteca” [5].

As bibliotecas tais como as que conhecemos, reconstituindo inúmeros pontos de uma má biblioteca, dentre esta pluralidade de exemplos negativos, questiona: será que ainda existem bibliotecas assim? E ele mesmo responde: a biblioteca deve desencorajar a leitura cruzada de vários livros porque provoca estrabismo; o bibliotecário deve considerar o leitor como um inimigo, um vadio (senão estaria a trabalhar), um ladrão potencial; quase todo o pessoal deve ser afetado por limitações de ordem física [...]; o departamento consultivo deve ser inatingível; o empréstimo de livros deve ser desencorajado; o empréstimo de livros entre bibliotecas deve ser impossível e, em todo o caso, levar meses; o melhor, no entanto, é garantir a impossibilidade de conhecer aquilo que há nas outras bibliotecas; os horários devem coincidir absolutamente com os horários de trabalho, devendo ser preventivamente discutidos com os sindicatos: encerramento total aos Sábados, aos Domingos, à noite e à hora das refeições; o maior inimigo da biblioteca é o estudante-trabalhador; não deve ser possível voltar a encontrar o mesmo livro no dia seguinte; de preferência, nada de sanitários; o ideal seria que o utente não pudesse entrar na biblioteca [...], nem deverá nunca, à exceção das rápidas travessias da sala de leitura, ter acesso aos penrais das estantes [5].

Dados do Censo Escolar 2010 divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) apontam que a cada dez escolas, sete delas não possuem acervo de livros disponível para seus estudantes. Segundo levantamento do 1º Censo Nacional das Bibliotecas Públicas/BPM, em 420 municípios as BPM foram extintas, fechadas ou nunca existiram. A região Sul é a que conta com mais bibliotecas por cem mil habitantes (4,06) seguida da região Centro-Oeste com (2,93).

Os anais de congressos e outras obras privilegiaram o problema da informação científica e raramente a problemática das bibliotecas escolares. Os anais da Associação Estadual de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação do Centro-Oeste de 2010 constaram 1063 títulos de trabalhos publicados, mas apenas três deles trataram de bibliotecas [6].

Quanto aos recursos humanos, poucos demonstraram e demonstram preparo para desempenhar esta função. A problemática está no fato de o encostado ou a encostada não receber nenhuma orientação ou treinamento, o que levou e ainda leva a biblioteca a ficar apartada do processo educacional

desenvolvido pela instituição escolar. Muitos gestores de escolas não têm consciência de que é sua obrigação oferecer tal ambiente de estudo e pesquisa para que o aluno seja iniciado nas lides da pesquisa escolar na biblioteca [7].

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) os alunos devem ser capazes de “utilizar diferentes fontes de informação e de recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos”[8]. Desta forma, a biblioteca escolar oferece esta fonte e este recurso por ser um espaço de pesquisa, de conhecimento.

O Pibid tem modificado esta realidade, no 3º Encontro Nacional de Licenciaturas e 2º Encontro Nacional do Pibid realizado pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em 2012, em São Luís/MA, Brasil, pela quantidade de dez trabalhos apresentados sobre a temática, número expressivo se comparado com outros eventos.

B. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

Em 2009, uma ação pontual desenvolvida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) foi o lançamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) com o fim de incentivar a formação de professores para a educação básica. Assim, o Pibid possibilita ao/à bolsista permanecer mais tempo no recinto escolar, tempo esse maior do que o do estágio supervisionado, discutir inquietações, vivenciando a sala de aula, além de outras atividades como planejamento pedagógico, conhecer o projeto político pedagógico, as ações administrativas e as relações interpessoais dos diferentes setores da instituição escolar. Por meio do Pibid, os/as bolsistas podem adquirir experiências que a graduação não tem proporcionado, uma vez que os cursos de formação de professores estão permeados por conhecimentos disciplinares, com pouca ou nenhuma relação com a ação profissional.

A concessão de bolsas de iniciação à docência destina-se a alunos/as de cursos de licenciatura, coordenadores/as e supervisores/as.

O Pibid tem como objetivos incentivar a formação de docentes em nível superior para a Educação Básica; contribuir para a valorização do magistério; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre a Educação Superior e a Educação Básica; inserir os licenciandos e as licenciadas no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; incentivar escolas públicas de Educação Básica, mobilizando seus professores e suas professoras como co-formadores/as dos/as futuros/as docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério e contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos/as docentes elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

O Pibid denota preocupação em relação à crise pela qual passa a formação de professores no Brasil. O problema relacionado à formação de professores/as em nosso país, nos últimos anos, perpassa por uma crise de dois níveis: uma estrutural que se refere a um universo macro, envolvendo as licenciaturas em geral e, outro, específico, caracterizado por problemas internos a cada licenciatura, problemas estes que se tornam tanto mais agudos quando se referem àquelas licenciaturas de baixa demanda. Não obstante a esta identificação, partilhamos a concepção de que a educação superior deve promover e manter a sintonia com outros níveis educacionais, colaborando com a criação e o exercício de práticas educativas que reforcem o exercício do acontecimento da educação.

O Pibid trata-se de um importante trabalho conjunto que pretende incentivar a expansão e a qualidade das licenciaturas no IFG; auxiliar na elevação da qualidade da escola pública; valorizar e incentivar a carreira docente; proporcionar aos licenciandos e às licenciandas práticas pedagógico-metodológicas inovadoras; tornar os/as futuros/as professores e professoras protagonistas efetivos/as do processo educacional.

Os impactos do Pibid referiram-se à utilização de novas metodologias e de novas práticas pedagógicas, que tem desenvolvido o gosto do/a discente da escola parceira pelo conteúdo estudado e, assim, levado a sua inserção mais efetiva na vida escolar. As novas metodologias despertaram o interesse do aluno por meio de programas diferenciados e alternativos, como: feiras, mostras, atividades lúdicas, jogos, monitorias e experimentos relacionados ao conteúdo trabalhado.

Essas diversas atividades promoveram interação e integração melhorando o relacionamento aluno/a-aluno/a e professor/a-aluno/a. As atividades experimentais auxiliaram no sentido de desenvolver o raciocínio reflexivo e na busca pela resolução de problemas. A utilização das tecnologias da comunicação e da informação por meio de vídeos e programas diversos despertou a curiosidade, motivaram os/as alunos/as das escolas parceiras a superar barreiras na aprendizagem. Ao propor atividades inovadoras, supões que contemple a biblioteca escolar tradicional ou digital para ampliar os conhecimentos. Facilidade de Utilização

II. METODOLOGIA

O método que norteou o desenvolvimento desta pesquisa fundamentou-se quanto ao objetivo na abordagem metodológica qualitativa e quanto aos procedimentos técnicos foi um estudo de campo. A abordagem qualitativa, por apresentar as características básicas pelo fato de buscar os dados em seu ambiente natural Possibilitou um contato pessoal e estreito da pesquisadora com o fenômeno pesquisado, além de permitir que a observadora chegasse mais perto da ‘perspectiva dos sujeitos’, um importante alvo nas abordagens qualitativas [9]. O estudo de campo procurou o aprofundamento de uma realidade específica. Foi basicamente realizada por meio da observação das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações ocorridas naquela realidade [10]. Envolveu ainda uma parte reflexiva das notas de campo –

quando é registrada a parte mais subjetiva. A ênfase é na especulação, nos sentimentos, nos problemas, nas ideias, nas impressões e nos preconceitos [11].

A pesquisa foi realizada, no segundo semestre de 2012 e no ano de 2013. O campo de pesquisa se constituiu de oito escolas públicas estaduais do Estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil, de diferentes cidades, onde em todas elas haviam bibliotecas escolares sendo: duas escolas em Goiânia, Capital do Estado e as demais em escolas parceiras das cidades do interior do Estado, sendo: Anápolis, Formosa, Jataí, Inhumas, Itumbiara e Luziânia.

Primeiramente, ocorreu a leitura dos subprojetos e dos relatórios semestrais de cada escola elaborados pelos/as professores/as coordenadores/as, depois houve o deslocamento para cada cidade quando se deu encontros com grupos de os/as alunos/as e foram realizadas as entrevistas, com alunos/as, com professores/as e, por último, foi feita a discussão dos dados.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos pelas entrevistas, não diferenciaram da análise da literatura de décadas anteriores. Há poucos/as servidores/as para atendimento nas bibliotecas escolares. A problemática maior foi que esses/as servidores/as não receberam nenhuma orientação, o que levou a biblioteca a ficar apartada do processo educacional desenvolvido pela instituição.

A biblioteca não foi uma estratégia ou um recurso empregado pelos/as alunos/as bolsistas, aqui, também chamados/as de bolsistas pibidianos/as nas escolas parceiras, principalmente porque a maioria delas encontrou-se fechada e por não oferecer condições para tal, como pôde notar pela fala dos alunos entrevistados.

Os bolsistas do subprojeto de Química de Anápolis, disseram que a biblioteca da escola parceira era usada para reunião. Disseram que os/as alunos/as da escola parceira reclamaram da biblioteca ficar fechada, só abria no horário de aulas, não podendo, assim, usufruir dela. Além disso, houve interdição na escola, diminuindo o espaço da biblioteca que passou a ser usada para outros fins. Manifestação reuniu professores e estudantes em passeata pela reforma da escola cujas salas estavam fechadas por risco de paredes e do telhado cair durante as aulas.

Os bolsistas do subprojeto de História, de Goiânia, disseram que a sala onde funcionava a biblioteca era pequena, menor do que a sala de aula. No máximo, cabiam 25 alunos, e que a pessoa responsável estava em desvio de função.

Os alunos bolsistas do subprojeto de Matemática, também de Goiânia, relataram a mesma situação – sala pequena, poucas cadeiras, poucos livros, a maioria deles didáticos e poucos livros literários. Outro bolsista alegou nem saber da existência da biblioteca na escola parceira durante dois anos que atuou como bolsista do Pibid na escola, outros disseram que ela, na maioria das vezes, ficava fechada.

A escola parceira de Inhumas contava com onze salas de aula. A biblioteca era pequena. A pessoa que atendia era

adaptada. O espaço da biblioteca era usado para reunião do grupo de alunos bolsistas do Pibid, mas não como estratégia de ensino.

Em Jataí, por falta de espaço, a biblioteca, por um breve período, foi usada, pelos/as bolsistas pibidianos/as, como espaço para o desenvolvimento do acompanhamento aos/as alunos/as de Física.

As bibliotecas das duas escolas parceiras de Formosa eram as que se apresentaram melhores condições quanto ao número de pessoas, contavam com duas servidoras, sendo uma deficiente física, que segundo os bolsistas, era a que mais se importava com a biblioteca, porém à noite não havia ninguém para atender. Quanto aos livros não diferiu das demais, muitos eram velhos, a maioria didáticos. Uma das bibliotecas escolar era bastante escura.

Nenhuma das bibliotecas das escolas parceiras contou com pessoa formada na área de Biblioteconomia e os retornos das professoras mediadoras para sala de aula, por determinação da Secretária da Educação do Estado deixaram as bibliotecas e os laboratórios de informática em situação mais precárias ainda.

Ao proceder a leitura dos subprojetos, neles constavam que houve levantamento sobre a realidade escolar. No subprojeto de Itumbiara diz sobre a biblioteca, pôde-se ler: “Conhecimento da infraestrutura e de recursos didáticos tais como equipamentos de laboratórios, livros disponíveis na biblioteca e multimídia que possivelmente poderão ser utilizados nas atividades de intervenção junto aos estudantes da escola-campo”.

No subprojeto de Formosa constou do relatório levantamento do material bibliográfico referente à disciplina de Biologia disponível na biblioteca, pôde-se ler: “a biblioteca possui bibliografia do ano 1967. [...] existem, na biblioteca, quatro atlas do corpo humano e uma estrutura que possibilita as atividades de estudo e pesquisa – mesas e computadores”, conforme levantamento bibliográfico para estudo do tema.

Quanto à participação em eventos científicos, bolsistas de Formosa apresentaram trabalhos em nível local e nacional, sendo: em nível local – no 2º Encontro do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/IFG com o pôster intitulado Biblioteca Escolar: meio de acesso popular ao conhecimento e a cultura. Em nível nacional foi apresentado na 64ª Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC que foi realizada de 22 a 27 de julho de 2012, na Universidade Federal do Maranhão/UFMA, São Luís/MA, Brasil. Trabalho este intitulado Programa de iniciação à docência: levantamento do acervo bibliográfico de Biologia na escola estadual Hugo Lôbo em Formosa (GO), que objetivou demonstrar e quantificar o acervo bibliográfico disponíveis para consultas pelos/as discentes desta escola parceira.

Por meio deste levantamento, verificou-se que a biblioteca contava com acervo pequeno de livros relacionados às Ciências Biológicas, a quantidade de livros presentes no acervo foi de 154 exemplares, sendo a maioria, 67% de livros didáticos. Além disso, a escola contava somente com uma pessoa que não era formada nesta área e as “atividades são desenvolvidas

apenas no período matutino, dificultando o acesso dos discentes nos períodos vespertino e noturno”.

Quanto aos projetos elaborados pelos/as coordenadores/as do Pibid, constatou que 70% deles não constaram a biblioteca como recurso didático.

A opção por usar ou não a biblioteca escolar na ação docente teve raízes na formação e pela falta de condições apresentadas pelas escolas.

A trajetória histórica percorrida pelas bibliotecas escolares brasileiras, mesmo num universo limitado de oito bibliotecas, apontou para algumas constatações: não existir políticas públicas para as bibliotecas escolares, demonstrou que a biblioteca virtual e a digital nem estavam nos campos das ideias, insipiente a produção sobre a temática, não havia desenvolvimento das atividades escolares.

Como em outras décadas, a biblioteca pôde ser vista como dispensável para o processo de educação, o espaço onde a biblioteca se localizava sempre menor que uma sala de aula, não sendo atraente, o acervo pobre e desatualizado, horários inflexíveis, sem a presença de bibliotecários/as.

IV. CONCLUSÕES

A realidade relatada pelos/as bolsistas pibidianos/as sobre as bibliotecas das escolas parceiras continuou sendo a mesma de décadas atrás: locais de depósitos de livros didáticos enviados pelo Ministério da Educação por meio do Programa Nacional do Livro Didático/ PNLND que não se tratava de acervo de biblioteca. Permaneceu a falta de um conjunto como espaço físico adequado, carência de acervo, serviços e atividades desenvolvidas por pessoal não qualificado e nem preparados para tal função, por fim, espaço ainda distante de funcionar como local de aprendizagem.

Trancadas, os/as alunos/as pouco ou nenhum acesso tiveram a elas, não haviam bibliotecários/as formados/as, às vezes, havia a presença de uma pessoa em desvio de função, ou nem contava com pessoas para atendimento em todos os turnos em que a escola estava aberta. Assim, não ofereciam serviços de apoio à aprendizagem e tampouco atende a Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010, que diz respeito à universalização das bibliotecas escolares e obriga todas as escolas da rede pública e privada do país a contarem com biblioteca, permanecendo o silêncio consentido das autoridades.

Acredita-se que a referida Lei vai possibilitar revisão nos paradigmas, ampliação os horizontes das bibliotecas quanto ao espaço físico, além de concretização da presença profissional especializada dinamizando as atividades, promovendo a interação do trinômio – professor/a-bibliotecário/a-aluno/a – uma possibilidade de democratização da educação.

Outra possibilidade é a partir do Projeto Político-Pedagógico, visto que não mereceu, ainda, a atenção necessária, é lamentável o descaso, o que vai repercutir na formação dos/as bolsistas pibidianos/as. Os Projetos Político-Pedagógicos das escolas devem servir como propositores das mudanças e melhorias necessárias, incluindo a formação de

professores e estratégias para o uso da biblioteca escolar como alguns dos seus objetivos.

É mister mudanças de atitudes como visitar bibliotecas, construir na escola uma política de formação de leitoras e de leitores. Além de tudo, dispor de uma boa biblioteca na escola que esteja aberta por horas viáveis para toda a comunidade escolar. Tanto o espaço como o mobiliário devem ser de aspecto agradável, confortáveis e acolhedor e é essencial que os/as usuários/as tenham acesso direto às estantes. Constatou que a biblioteca como possibilidade de descoberta tem sido um lugar sem vida.

Esta investigação apontou para a necessidade das instituições escolares buscarem possibilidades plurais de utilização da biblioteca escolar, para a importância da interação entre a sala de aula e a biblioteca. Urge mudança quanto à estrutura organizacional escolar, além da distribuição de livros, é preciso disponibilizar o acesso a este espaço de forma que seu uso seja significativo.

Percebeu-se que ainda será lenta a conquista de uma biblioteca digital, visto que ainda não há sequer a presença dinâmica de uma biblioteca tradicional.

Os/As formadores/as de professores precisam estar comprometidos/as ético-politicamente com a melhoria da qualidade dos cursos de formação. Deste modo, pode-se provocar o uso da biblioteca nos cursos de licenciatura que refletirá nas práticas docentes exercidas na escola.

Além de aproximar a instituição de ensino superior e de educação básica, as experiências vivenciadas pelo Pibid proporcionaram aos bolsistas uma visão ampla do ser professor/a, do seu locus de atuação, das situações enfrentadas diariamente endógeno e exógeno à sala de aula. Ficou evidente, sobretudo, que preparar profissionalmente para atuar neste cenário educacional tão diverso que hora se apresenta, faz-se necessário, estudo, pesquisa e para isso a biblioteca é imprescindível.

Por meio desta pesquisa vislumbrou um cenário em que a maioria dos/as professores/as não usou recurso e espaço, tal como a biblioteca escolar, como função pedagógica. Por sua vez, os/as alunos/as não tiveram a oportunidade de vivenciar a biblioteca tradicional pelas precárias condições. As bibliotecas das escolas parceiras não foram espaços significativos na formação dos/as bolsistas pibidianos/as e pela precariedade nem foram usadas como estratégia de ensino. As pessoas que trabalhavam na biblioteca pouco contribuíram para a formação dos bolsistas, futuros/as formadores/as. Pode-se dizer que esse espaço não mereceu e nem deveria ser chamado de biblioteca escolar.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos aos/às bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), professores/as, coordenadores/as do IFG e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo apoio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] M. B. Cunha, "Desafios na construção de uma biblioteca virtual. Ciência da Informação", Brasília, vol. 28, n. 3, set./dez. 1999, pp. 257-268.
- [2] R. das N. Machado, M. S. F. Novaes and A. H. dos Santos, "Biblioteca do futuro na percepção de profissionais da informação". *Transinformação*, vol. 11, n. 3, set./dez. 1999. pp. 215-222.
- [3] N. Zang, "Biblioteca virtual: conceito, metodologia e implantação". *Revista de Pesquisa e Pós-Graduação*, Erechim, vol. 1, n. 1, 2000, pp. 217-236.
- [4] W. C. de. Silva, "Miséria da biblioteca escolar". 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época: v.45), pp.15.
- [5] U. Eco, *A biblioteca*. Trad. de Maria Luísa Rodrigues de Freitas, Lisboa: Difel, 1994, pp. 7-24.
- [6] E.P.Arruda and H. de Resende (org). "X encontro de pesquisas em educação da Anped Centro Oeste". *Desafios da produção e divulgação do conhecimento*. Uberlândia: Faced, 2010.
- [7] Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. "Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais" Brasília: MEC/SEF, 1998, pp.8.
- [8] M. Ludke and M. E. D. A. André, "Pesquisa em educação: abordagens qualitativas". São Paulo: EPU, 1986, pp.26.
- [9] N. D. de. Macedo, "Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual". São Paulo: SENAC: Conselho Regional – 8ª Região, 2005, pp.65.
- [10] A. C. Gil, "Como elaborar projetos de pesquisa". 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- [11] R. C Bogdan and S. K. Biklen, "Investigação qualitativa em educação, uma introdução à teoria e aos métodos". Portugal: Porto Editora, 1994, pp.165. G.